

COLABORADORES

GILBERTO FREYRE

Escritor, sociólogo-antropólogo, Doutor *Honoris Causa* pelas Universidades de Colúmbia, Paris, Sussex, Prêmio Aspen de Humanidade. Seu livro *Casa Grande & Senzala* já foi traduzido para diversos idiomas.

NELSON N. SALDANHA

Professor titular do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFPe. Doutor em Direito, autor de numerosos livros sobre temas sociológicos e jurídicos.

CLÁUDIO SOUTO

Professor titular do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais, cursos de especialização na Alemanha, onde também ministrou cursos durante alguns meses.

FREDERICK CREWS

Escritor, professor da Universidade de Berkeley (Califórnia), um dos mais competentes críticos literários da atualidade.

COSTA PÔRTO

Escritor, historiador, professor da Faculdade de Direito da Universidade Católica de Pernambuco, ex-Ministro da Agricultura.

LEÔNIDAS CÂMARA

Professor da Universidade Católica, crítico literário, colaborador de suplementos e revistas de Cultura de todo o país.

DÉBORAH BRENNAND

Revelou-se como poetisa de grande força em 1964, quando publicou dois livros de poemas: *O Punhal Tingido* e *Viagens do Sonho*. É casada com o famoso pintor Francisco Brennand.

Recordação de Giddings

GILBERTO FREYRE

Sempre que me volto para o meu passado, já remoto, de estudante universitário no estrangeiro, é para regosijar-me com o fato de ter decidido realizar os estudos pós-graduais na Universidade de Colúmbia: na sua semi-inglesa, semi-americana Faculdade de Ciências Políticas (as Jurídicas e Sociais incluídas). Pois em Colúmbia teria por mestres, alguns dos maiores renovadores, tanto europeus como americanos, de tais ciências naquela época: o decênio 1920-1930. Um Franz Boas, em Antropologia, por exemplo. Um Giddings, em Sociologia. Um Munro, em Direito Público. Um Seligman, em Economia Política. Um Carlton Hayes, em História Social. E poderia recordar vários outros, entre os quais Sir Alfred Zimmern que, sendo de Oxford — uma Oxford que eu conheceria depois dos estudos realizados em Colúmbia — atuou por algum tempo como lente extraordinário daquela então famosa Faculdade de Ciências Políticas. Foi com êsse helenista de Oxford que me iniciei no estudo da Sociologia da Escravidão, à base do que a escravidão representara para a sociedade grega e para a sua cultura. Uma iniciação importantíssima para meus outros estudos antropológicos, histórico-sociais e sociológicos de assunto tão complexo.

Devo principalmente a Giddings a orientação que segui nesses estudos: notadamente nos sociológicos. Orientação que me levou a preocupar-me com o lado empírico — no bom sentido de empírico — das Ciências Sociais, sem desprezo ou indiferença pelo seu lado especulativo, teórico, filosófico.

Giddings não animou, de modo algum, nem entre seus compatriotas nem entre seus discípulos das mais diversas procedências, aquela sociologia atenta apenas a fatos horizontais de superfície — a superfície contemporânea — e apoiada quase ex-

clusivamente para sua expressão, em números, em diagramas e em estatísticas, que se tornaria, por algum tempo, tão caracteristicamente anglo-americana, numa como oposição radical, e como que sectária, à desenvolvida na Europa principalmente por alemães, franceses e italianos; e por sua vez adstrita, quase sempre, ao estudo de problemas sociológicos abstratamente especulativos, teóricos ou filosóficos.

Não que faltasse a Giddings o ânimo matemático; ou que do seu sistema sociológico construído através de categorias lógicas estivesse ausente o interêsse, que conservou na sua velhice esplêndidamente verde — e foi nessa fase que o conheci — pelos próprios estudos físicos, naqueles dias já revolucionados pelos primeiros renovadores modernos das ciências chamadas exatas. Para Giddings era essencial à Sociologia desenvolver-se apoiada na estatística científica e conservar-se atenta às novas perspectivas que os estudos físicos permitem ao sociólogo abrir aos sociais.

Isto, entretanto, sem que deixasse de dar relêvo às relações da Sociologia com a Psicologia e com a História. Não compreendia Sociologia a que faltassem estas duas bases: a Psicologia e a História. E a despeito de sua insistência na necessidade de uma Sociologia crescentemente científica, nunca se sentiu impedido, por sectário cientificismo, a exprimir-se na cátedra, em livros e em artigos de revista e até de jornal, através do que aos cientificistas pudesse parecer “impressionismo” literário ou mesmo jornalístico.

Lembro-me das suas aulas como das que mais me impressionaram, dentre as de todos os meus mestres de Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais na Universidade de Colúmbia, pelo vigor literário do seu inglês. Com isto se prejudicava sua ciência? Parece-me que não. O que sucedia era que o seu alto poder de comunicação lhe facultava ser um dos mestres de Colúmbia mais procurados e mais ouvidos por aquela mocidade cosmopolita que, vindo do Oriente e da própria Europa, buscava, naqueles dias, nas escolas de estudos pós-graduados de Colúmbia, de Harvard, de Yale, de John Hopkins, de Chicago, de Princeton, saberes e perspectivas que lhe pareciam faltar às

escolas européias do mesmo tipo. Escolas duramente atingidas — o caso, principalmente, das alemães — pelos efeitos um tanto prolongados da Primeira Grande Guerra.

Recordo-me do considerável número de chineses, de indianos, de jovens do Oriente Médio que tive por colegas nos cursos de Giddings. Eram multidões de moços de “vária côr” — inclusive alguns africanos da África negra — que se reuniam para ouvir o grande velho: brancos, pardos, amarelos, pretos. Cálculo a irradiação das suas idéias: deve ter sido também considerável. Considerável, portanto, deve ter sido a sua influência no sentido de comunicar a *scholars* e a futuros líderes políticos não só do seu país e da Europa, como da Ásia e da África, a concepção de uma Sociologia ao mesmo tempo científica e filosófica, especulativa e empírica. Diferente da que, ensinada principalmente por cientificistas, mais ou menos pedestres, se degradaria, nos Estados Unidos, pouco depois dos Giddings e dos Thomas, dos Znaniecki e dos Park e até o recente aparecimento dos Parsons e dos Merton, dos Becker e dos Homans, numa sociologia — a indevidamente chamada “científica” — apenas estatística, somente horizontal, sectariamente empírica; e despreendida — exceto num ou noutro Thomas ou num ou noutro Munford quase esotérico — da Psicologia da História, da Filosofia das Ciências.

Giddings era capaz de compreender alguns pensadores e cientistas sociais de hoje com relação à importância do *locus* e, principalmente, do *tempo*, para estudos sociais: uma importância tal que torna possível admitir-se a aplicação a tais estudos — tal como se vem fazendo no Brasil — do critério desenvolvido por Proust numa literatura tão agudamente psicológica que parece deixar às vezes de ser apenas literatura para ser também ciência. Aplicação que importa em serem as relações entre o *tempo* e realidade, nas ciências sociais, ou nas ciências do Homem, semelhante ao que era outrora a relação entre *causa* e *efeito* nas ciências físicas.

É o que destacam cientistas sociais da responsabilidade de um Herman Finer. Para o Professor Finer, Proust abriu ao cientista social, tendo por base aquela relação, perspectivas que

não lhe foram escancaradas por nenhuma ciência social ou psicológica com tanto “insight and consummated richness”, tal a sua maneira de resultarem em “life itself, not an abstraction”.

Antes de Finer, já o sociólogo francês Roger Bastide se antecipara em admitir uma Sociologia proustiana, impressionado por trabalho brasileiro de Sociologia da História, animado, ao seu ver, por um sentido proustiano daquela relação entre tempo e realidade social capturada em seu desenvolvimento; e não para numa época susceptível de ser retratada sociologicamente em sua imobilidade como que apolínea.

A Giddings, não tendo faltado nem o senso histórico nem o senso psicológico da Sociologia, não faltou o ânimo dionisíaco no modo de tratar a realidade social. Guardou-se assim dos principais exageros quantitativos mais sôfregos em suas pretensões de submeter o tempo social ao seu afã de fazer da Sociologia ciência apolínea. Indiferente ao *locus* e ao *tempo*.

Giddings pertencia àquela tradição anglo-americana de saber que nos Estados Unidos é representada principalmente pela *American Philosophical Society*, fundada por Benjamin Franklin; o que explica haver hoje, naquele país e na Inglaterra, cientistas — físicos e sociais — que não admitem a espécie de cientificismo que os separasse dos altos estudos humanísticos e das preocupações filosóficas em torno das suas ciências e dos problemas humanos por elas, se não sempre esclarecidos, considerados. Homens como Sir George Thomson, por exemplo. Como Robert Oppenheimer. Como Robert Redfield. Como Charles Percy Snow. Como Frank A. Brown Júnior. Como Sir Julian Huxley. Homens para os quais o estudo da História é essencial a todo cientista: tão essencial quanto a capacidade de projetar-se o mesmo cientista, senão pela imaginação científica, pela própria imaginação poética, sobre o Futuro.

Daí o pavor com que se erguem alguns dos mais idôneos filósofos modernos, preocupados com as relações das Ciências e da Tecnologia atuais com a Filosofia — um deles o Professor Rudolf Allers — contra o que o mesmo Allers chama presentocentrismo. Ou, segundo a sua própria definição, o hábito

de alguns cientistas e tecnólogos modernos de tudo medir e avaliar “in terms and categories of the present”, quando até com relação ao passado “there is no evidence for the assumption that people were — on the whole — so much more unhappy in the past than they are now”.

O cientificista em Ciências Sociais é eminentemente presentocentrista. Mesmo porque, para êle, tanto passado como futuro sociais, escapam ao método estritamente científico que seria tão somente o objetivo. Donde sem desdém pelos estudos históricos tanto quanto pelos que os franceses vêm chamando projetivos. Ou sejam os futuroológicos. Entretanto — e aqui voltamos ao Professor Allers — não é possível a compreensão de uma cultura atual sem a compreensão das culturas de que desabrochou; e essa compreensão só é atingida, penetrando o analista nas intimidades da linguagem, da arte, da poesia, da religião, da filosofia, do folclore, característicos dessas outras culturas. Penetrando nelas — acrescenta-se ao Professor Allers — não só pelos métodos convencionalmente históricos de captação dessas intimidades, como pelos proustianamente empáticos. A tanto não chegou Giddings, por certo. Mas destaque-se mais uma vez da sua Sociologia que nunca lhe faltou a perspectiva histórica. Nem a história nem um pouco da futurologia. Êle teria aprovado a idéia de “tempo trípico” que viria a ser esboçada em nossos dias por um dos seus discípulos.

Há de Giddings uma contribuição para os estudos sociais que por si só o situa entre os cientistas sociais de categoria filosófica: a sua teoria de “consciência de espécie”. Não a teria desenvolvido se à sua Sociologia faltasse o contacto com a Psicologia — sua idéia de “pluraristic behavior” é psicossociológica — e com a História — sua idéia da transformação de desajustamento apenas gregário em “associação discriminadora” se apoia no estudo antropológico e histórico de sociedade de diferentes tipos.

É pena que, embora admitindo que a Sociologia aplicada pudesse desenvolver-se na hoje chamada “Engenharia Social”, Giddings se conservasse fechado às possibilidades do planejamento social como corretivo aos efeitos de um industrialismo

descontrolado. É que, no planejamento, Giddings enxergava o socialismo demasiadamente protetor dos inferiores contra os superiores; e o socialismo, nas suas formas convencionais, lhe parecia contrariar a para êle quase sempre desejável sobrevivência dos mais aptos. Quase sempre, por ter Giddings desenvolvido a teoria de um "individualismo socializado", capaz, segundo o mestre de Colúmbia, de conter os abusos de poder nos elementos bem sucedidos ("successful") de uma sociedade com relação aos "mal sucedidos". Não admitia tais abusos. O que lhe parecia essencial era assegurar aos elementos criadores, superiores, de uma sociedade, oportunidades de se afirmarem, em benefício, aliás, do todo social. Semelhante critério de valores levou-o, como sociólogo-filósofo social, à apologia de um imperialismo — o anglo-americano — que, em oposição ao germânico, significasse a organização de um "império ideal", por pretender ser um "império democrático": com amplas oportunidades aos indivíduos de qualquer origem, nas áreas alcançadas pelo sistema imperial que assim se constituísse, de se tornarem líderes. Idéias, talvez, contraditórias, as que Giddings defendeu, opondo às teorias convencionais da sua época, tanto o seu "individualismo socializado" como o seu "imperialismo democrático". Democrático e democratizante.

Mas serão idéias mortas, essas, nas quais o mestre de Colúmbia afirmou corajosamente o seu anti-simplismo, sem temer as aparentes contradições que envolvem suas teorias inovadoras? Não será um "individualismo socializado" que condiciona as modernas tendências, nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, no sentido de um ajustamento das relações entre indivíduos e coletividades que se afasta tanto do liberalismo, dito democrático como das formas convencionais de socialismo? Não será o pendore para um imperialismo, animado de objetivos democratizantes, que anima a atual política exterior da União Soviética, por um lado, e dos Estados Unidos, por outro, o primeiro empenhado principalmente em impor aos demais povos o seu tipo, aliás, discutível, de democracia econômica, o segundo, principalmente em difundir a sua forma, também discutível, de democracia política sem exclusão, é certo, — quando neo-capitalista — da econômica? Parece

que sim. Sinal de que tanto o "individualismo socializado" da Sociologia filosófica de Giddings, como o seu "imperialismo democrático", foram antecipações de tendências que, algumas dezenas de anos depois da morte do insigne sociólogo de Colúmbia, se vêm desenvolvendo com outros rótulos e sob outros aspectos.

Antecipado a vários dos sociólogos do seu tempo foi, também, Giddings, em suas preocupações com os desenvolvimentos dos estudos físicos; e com as projeções desses desenvolvimentos sobre os estudos sociais e sobre a filosofia das ciências. Não chegou a passar, sob a influência de tais desenvolvimentos, do determinismo ao probabilismo; nem de um evolucionismo sociológico, próximo ao unilinear, dos biólogos do fim do século XIX e do começo do XX, a moderna atitude dos físicos de não ser nenhuma das grandes teorias, em vigor na Física de hoje, capaz de responder a tôdas as perguntas relativas ao seu conteúdo. Donde um filósofo das ciências físicas como Sir George Thomson proclamar que, em Física — e ao exemplo da Física, neste particular, não podem ser indiferentes os cientistas sociais — quando "nothing is completely accurate, it seems legitimate do weight degrees of accuracy against degrees of convenience". Aditem-se na moderna Física — dizem-nos mestres na matéria — três teorias sobre o que seja luz, cada qual com a sua base conceitual. Cada uma com a sua explicação do que seja luz, diferente das duas outras. "Yet in a sense" — escreve Sir George Thomson — "all these theories are valid, and all continue to be used".

O mesmo deve-se admitir que suceda nas ciências sociais, sempre que ao critério de exatidão se tenha que preferir o de conveniência. Sempre que na análise e na interpretação de uma situação social seja conveniente utilizar o cientista social, em vez de uma só, três ou quatro interpretações que resultem convenientemente válidas, completando-se com suas aparentes contradições, em vez de uma excluir, por puro rigor lógico, as demais, é como a alguns de nós parece hoje que deve proceder o cientista social: utilizando-se das três ou quatro chaves de interpretação em vez de sectariamente servir-se de uma só.

A Giddings já preocupavam as relações, no plano metodológico, das Ciências Sociais com as Ciências Físicas, não como relações de passiva subordinação das sociais às Físicas mas como interrelações que não deveriam ser ignoradas ou desprezadas pelo cientista social.

Lembro-me de que em exame de Ciências Sociais a que me submeti na Universidade de Colúmbia uma das perguntas de Giddings a que tive de responder foi sobre problema de Ciência Física: conservação de energia. Era problema, segundo Giddings, importantíssimo para todo cientista moderno, fôsse qual fôsse sua especialização. Como que se apercebia da expansão dessa teoria de física então reformulada por Einstein; e assim expandida e reformulada, capaz de projetar-se revolucionariamente sobre a filosofia das ciências.

Giddings concordaria decerto, se vivesse nos nossos dias, com Sir Charles Percy Snow, neste ponto: em que na formação do intelectual moderno não se compreende que a educação literária ou filosófica ou humanística do universitário se realize à revelia da científica; ou a científica à revelia da literária. Daí, para Snow — êle próprio, ao mesmo tempo, cientista ilustre e romancista notável — ser necessário que, na formação universitária do homem moderno, as duas culturas, a científica e a literária, se completem, em vez de uma implicar na exclusão da outra. Mais: a seu ver, ingleses e americanos dos Estados Unidos precisam, neste particular, aprender uns dos outros, criando um terceiro sistema de formação universitária. Também os russos soviéticos teriam, com relação à mesma matéria, o que aprender dos chamados ocidentais; e os chamados ocidentais, o que assimilar dos russos soviéticos.

Pode-se, talvez, dizer de Giddings que, há mais de trinta anos, já se inclinava por uma formação universitária do jovem moderno — pelo menos, entre os anglo-saxões, pois Giddings, como outros intelectuais anglo-americanos da sua época, parece ter considerado sempre problemas como os de educação e de cultura em relação com os “novos tempos”, menos em termos apenas nacionais do que anglo-saxônicos, animado que era pelo ideal de um “império democrático” que ultrapassasse o de sim-

ples República, dos Estados Unidos — que fôsse tão científica quanto literária. Científica sem deixar de ser literária. Mista. Tão mista como aquela pela qual atualmente clamam educadores ingleses e anglo-americanos, alarmados com a perspectiva de que suas Oxfords e suas Princeton se tornem veneravelmente anacrônicas ou pitorescamente arcaicas pelo seu culto quase exclusivo das Artes Liberais”; mas igualmente preocupados com o rumo estreitamente científico que vêm tornando os estudos superiores noutras universidades. Problema que não inquieta somente educadores anglo-americanos e ingleses mas, ao que parece, também alguns russos; e com certeza os europeus da Europa Ocidental, mais alcançada pela revolução tecnológica da nossa época. Tecnológica e científica, sob o constante risco de extremar-se — como já se vem extremado em certos meios — em tecnicista e científico.

De Giddings acrescenta-se que foi, como sociólogo, cultor e orientador de uma Sociologia científica que não repudiasse, antes procurasse, aproximações e contactos com os estudos humanísticos. Uma Sociologia — repita-se — especulativa ao mesmo tempo que empírica. Teórica e aplicada. E fortemente apoiada — igualmente repita-se — na Psicologia e na História.

De modo que, em face das modernas tendências, no mesmo sentido, que orientam os principais sociólogos e antropólogos sociais de hoje, nos Estados Unidos e na Europa, o antigo mestre de Colúmbia surge aos seus leitores de agora, prestigiado por uma atualidade que falta a sociólogos científicos menos antigos do que êle. Menos antigos porém prejudicados por lamentável sectarismo científico. Por essa efêmera modernice.

Atual é também outro aspecto do modo por que Giddings foi sociólogo: deixando por vezes o ambiente puramente acadêmico para comunicar-se com o grande público do seu país, através dos jornais. Isto mesmo: através dos jornais profanos e não apenas das revistas científicas ou especializadas neste ou naquele saber sociológico. Comentou nesses artigos acontecimentos do dia. Discutiu problemas nacionais. Debateu questões internacionais. Criticou políticos em evidência.

Nem sempre, é certo, guardou nessa sua atividade de sociólogo-jornalista a fleugma que de ordinário caracteriza o homem de ciência ou o *scholar* acadêmico. Deixou-se por vezes contagiar pela própria leviandade chamada jornalística. Resvalou em excessos. Cedeu a paixões. Investiu contra *ismos* que caricaturou, atribuindo-lhes característicos monstruosos — o militarismo prussiano, por exemplo — e extremou-se na apologia de outros *ismos* que exaltou, considerando-os expressões quase angélicas de gênio político; o imperialismo democrático dos anglo-saxões.

Mas sempre honesto, sempre viril, sempre leal a si mesmo tanto na sua capacidade de indignar-se, como, no gôsto que conservou, já velho, a barba outrora românticamente loura de todo embranquecida pelo tempo, de manifestar entusiasmo e de exprimir admirações. E embora na aparência, hierático, sempre de fraque, quase sacerdote quando revestido da beca de doutor, não se fechava nunca em professor universitário frio, impessoal e neutro. Daí suas conferências — algumas de duas horas de extensão — atraírem multidões cosmopolitas de jovens que o aplaudiam por vezes com estridor: batendo com os pés no assoalho, com as mãos, sôbre os bancos, como é costume entre os estudantes de alguns países, onde o rito das palmas não vigora nos meios acadêmicos. Outras vezes reagiam os jovens contra o mestre irreverente, recebendo com um silêncio hostil e até áspero suas palavras de crítica a grandes figuras do dia — a Woodrow Wilson, por exemplo. Giddings, uma ou outra vez, sorria dêsses silêncios hostis de estudantes mais ou menos convencionais não apenas contra o mestre irreverente. Sorria benèvolamente. Não cortejava, porém, estudantes. Como não lhe faltasse “sense of humour”, compreendia suas reações desfavoráveis ao que havia de impopular, de diferente, de contrário às modas intelectuais ou políticas, em algumas das suas idéias e em várias das suas opiniões de homem independente.

Ciência do Direito e conhecimento histórico

NELSON NOGUEIRA SALDANHA

“Assim como não me é possível separar a teoria do conhecimento dos grandes problemas da história das estruturas do espírito humano, tão pouco posso separar a ética, da história das formas de ethos” (MAX SCHELER, *Ética*, Prólogo à terceira edição alemã).

“A ciência do direito pode entender-se como ciência histórica e neste sentido pode-se falar de ciência como em qualquer outra história”. (BIONDO BIONDI, “A ciência jurídica como arte do justo”, in *Arte y Ciência del Derecho*, trad. esp., Barcelona 1953).

1. Os “saberes” jurídicos como distinção e convivência.
2. O conhecimento histórico do direito, o historicismo jurídico e as relações da história com a teoria do direito.
3. A “dogmática” jurídica diante do saber histórico.
4. Para que o saber histórico?

I

As discussões sôbre os objetos das ciências chamadas humanas, nos têrmos em que têm sido postas no século vinte, envolvem entre outras coisas uma consideração daquilo que a herança do idealismo alemão chamou “mundo de formas”, e que

(*) Conferência pronunciada no Simpósio sôbre Teoria da Ciência do Direito, realizado na Faculdade de Direito de Cruz Alta, Rio Grande do Sul, em novembro de 1969.